



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PSICOLOGIA**

CAMILA VICTÓRIA PEREIRA DA SILVA

**A SEITA RUSSA SKOPTSY, O DISCURSO RELIGIOSO E AS PRÁTICAS DE
AUTOMUTILAÇÃO**

**CAMPINA GRANDE
2021**

CAMILA VICTÓRIA PEREIRA DA SILVA

**A SEITA RUSSA SKOPTY, O DISCURSO RELIGIOSO E AS PRÁTICAS DE
AUTOMUTILAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/ao Coordenação /Departamento do
Curso de Psicologia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Wilmar Roberto Gaião.

**CAMPINA GRANDE
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586s Silva, Camila Victória Pereira da.
A seita russa Skoptsy, o discurso religioso e as práticas de automutilação [manuscrito] / Camila Victoria Pereira da Silva. - 2021.
27 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2021.
"Orientação : Prof. Dr. Wilmar Roberto Gaião , Departamento de Psicologia - CCBS."
1. Skoptsy. 2. Automutilação. 3. Pecado. 4. Sexualidade. I.
Título

21. ed. CDD 155.3

CAMILA VICTÓRIA PEREIRA DA SILVA

**A SEITA RUSSA SKOPTSY, O DISCURSO RELIGIOSO E AS PRÁTICAS DE
AUTOMUTILAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/ao Coordenação /Departamento do
Curso de Psicologia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de bacharel em Psicologia.

Aprovada em: 05/11/2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Wilmar Roberto Gaião (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Luann Glauber Rocha Medeiros
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Laércia Maria Bertulino de Medeiros
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Às almas e sorrisos que me iluminaram nesta
jornada, DEDICO.

“A fé pode morrer, a cultura permanece como sua máscara mortuária” (BASTIDE, 1898, p.189).

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BVS Biblioteca Virtual em Saúde

CAPES Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	09
2.1	OS SKOPTSY	09
2.2	A EXTIRPAÇÃO DO PECADO SEXUAL E AS PRÁTICAS MEDIEVAIS DE AUTOMUTILAÇÃO	11
2.3	A MEDICINA MODERNA E OS ATOS DE AUTOMUTILAÇÃO E A SEXUALIDADE	14
3	METODOLOGIA	17
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	18
4.1	A SEXUALIDADE E OS SKOPTSY: PRÁTICA DE PEDERASTIA	18
4.2	PUNIÇÕES LEGAIS PARA AS PRÁTICAS DOS SKOPTSY	19
4.3	INTERSECÇÃO ENTRE SKOPTSY E TRANSSEXUALIDADE	20
4.3.1	TRANSEXUALIDADE E REDESIGNAÇÃO DE SEXO	20
4.3.2	TRANSEXUALIDADE ENTRE PSICANÁLISE E TEORIA FEMINISTA	20
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
	REFERÊNCIAS	23
	APÊNDICE A - CATEGORIAS	26

A SEITA RUSSA SKOPTSY, O DISCURSO RELIGIOSO E AS PRÁTICAS DE AUTOMUTILAÇÃO

THE RUSSIAN SKOPTSY SECT, RELIGIOUS SPEECH AND SELF-MUTILATION PRACTICES

Camila Victória Pereira da Silva^{1*}

RESUMO

A incidência das prescrições religiosas podem ser positivas ou negativas para as subjetividades e grupos. Os Skoptsy surgem em meados do século XVIII com práticas de automutilação de órgãos genitais a fim de obter a santificação. Para apartar-se de corpos que incitavam o pecado, estabeleceu-se como imprescindível o ritual de extirpação anatômica. Assim, o presente estudo bibliográfico de natureza qualitativa descritiva buscou analisar os discursos estabelecidos por autores e suas respectivas produções quando se referem à seita russa. Para isso, realizou-se um levantamento nas bases de dados Scielo, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e CAPES, através do descritor “Skoptsy”, resultando na recuperação de quatro produções, sendo dois artigos, uma dissertação de mestrado e uma tese de doutorado. Não foram utilizados filtros como temporalidade e idioma em português em função da escassez de produções. A apuração dos materiais partir da Análise de Conteúdo Temática de Bardin originou a criação de categorias, a fim de sistematizar os resultados, a primeira discorre sobre a sexualidade e os Skoptsy: prática de pederastia, seguido pelas punições legais para as práticas de automutilação e a relação entre os Skoptsy e a transexualidade sendo desmembrado em transexualidade e redesignação de sexo e a transexualidade entre psicanálise e teoria feminista. Percebe-se, por fim, que o extremismo religioso desencadeia a desorganização do sujeito ao ponto de estimular amputações como solução e garantia da eternidade em um lugar celeste, como foi para os Skoptsy.

Palavras-Chave: Skoptsy. Automutilação. Pecado. Sexualidade.

ABSTRACT

The incidence of religious rules can be positive or negative for subjectivities and groups. The Skoptsy sect appeared in the middle of the 18th century with practices of genital organs self-mutilation in order to obtain sanctification. To get away from bodies that incited sin, the ritual of anatomical extirpation was established as indispensable. Thus, this bibliographical study of descriptive qualitative nature sought to analyze the discourses established by authors and their respective productions when referring to the Russian sect. To this end, a research was carried out in the Scielo, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) and CAPES databases, using the descriptor "Skoptsy", resulting in the retrieval of four productions, being two

^{1*} Acadêmica de Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba, camilavpereira97@gmail.com

articles, a master's thesis and a doctoral dissertation. We did not use filters such as temporality and language in Portuguese due to the scarcity of productions. The scrutiny of the materials from Bardin's Thematic Content Analysis led to the creation of categories in order to systematize the results. The first one deals with sexuality and the Skoptsy movement: the practice of pederasty, followed by the legal punishments for the practice of self-mutilation and the relationship between the Skoptsy and transsexuality being divided into: transsexuality and gender reassignment, and transsexuality between psychoanalysis and feminist theory. Finally, we realize that religious extremism triggers mental confusion of the subject to the point of stimulating amputations as a solution and guarantee of eternal life in a heavenly place, as it was for the Skoptsy followers.

Keywords: Skoptsy. Self-mutilation. Sin. Sexuality.

1. INTRODUÇÃO

Em consonância com Bastide (1898), a religião é capaz de moldar a cultura de um povo, atravessar gerações, e, sobretudo, arquitetar costumes e regras para seguimento. Dessa maneira, a seita russa Skoptsy é identificada como uma organização religiosa que fomentava a dedicação da vida para obtenção da salvação da alma. Para que houvesse êxito, dever-se-ia extirpar o pecado inerentemente humano, a saber, o sexual, através de práticas de automutilação, sendo comuns em homens a mutilação genital e em mulheres as mamas. A demonstração da fé fundamenta a punição contra si mesmo, e isto, ultrapassa o físico, encontrando espaço também no discurso. Valério (2010) baseado em Foucault, evidencia que é através do discurso religioso que o delineamento de papéis se estabelece em uma sociedade e/ou grupo. Depreende-se, então, que o discurso que atravessa os formalismos da seita russa, são análogos às leituras que o filósofo francês faz de modelos prescritos que tem o intuito de adestrar corpos e subjetividades, nessa instância, associado à percepção de pecado.

Concomitantemente, Foucault (1973-1974) por sua vez, faz menção ao dispositivo de disciplina inerente aos grupos comunitários como mecanismo de imposição de regras a todos. É válido salientar que Skripnik (2016), discorre que a seita russa adotava práticas de automutilação e castração de órgãos genitais com o intuito de anular sua sexualidade, inibir vaidade, evitando, assim, não cometer sacrilégios e ferir uma ordem suprema que opõe-se ao viés pecaminoso. Ademais, para atos de masturbação a correção seria decepar o órgão genital, para situações de interdição da vaidade em mulheres, sugeria-se a incisão de mamas. É, então, perceptível a correlação estabelecida por alguns autores, como Ball (2015), de casos de pacientes que se mutilaram mediante interpretações de escrituras bíblicas. No Evangelho de Mateus há certa passagem que fala: “E, se a sua mão direita o fizer pecar, corte-a e lance-a fora. É melhor perder uma parte do seu corpo do que ir todo ele para o inferno” (BÍBLIA, Mateus, 5:20). Houve, assim, a assimilação dessa conduta como desígnio de fé.

Aleksandrov (2019) diz que os membros Skoptsy chamavam por chave do abismo seus órgãos genitais, de modo que os corpos regidos por seus desejos e impulsos sexuais são apresentados como sacrifício para minimizar a profanação, sucedendo-se, a partir disto, a prática de automutilação. Pensando nisso, este artigo de conclusão de curso propõe-se a estudar os discursos associados à prática de automutilação realizados pelos Skoptsy no século XVIII, a partir de um levantamento sobre a seita nas bases SciELO, Biblioteca Virtual em

Saúde (BVS) e CAPES. Buscamos, portanto, verificar os materiais recuperados nas referidas bases de dados, analisar os discursos que emergem a partir da compreensão dos autores e a maneira como se referem aos Skoptsy.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Os Skoptsy

A seita russa Skoptsy ou Castrati, que deriva do termo “oskopit” ou castrar (SKRIPNIK, 2016) foi fundada por um camponês do distrito de Orel, chamado Kondraty Selivanov, por volta do século XVIII (TULPE; TORCHINOV, 2000). Selivanov, antes membro de uma seita cristã que não coadunava com os pressupostos estabelecidos pela Igreja Ortodoxa - os Khlisti - já expressava a peculiaridade extremista arraigada pelo fervor de ser um servo fiel. O diferencial acerca desta personalidade apresenta-se pela exacerbação de suas concepções, compreendendo-se como algo similar a um Cristo, onde a sua missão era explicar o caminho da salvação, que dava-se através da extirpação do pecado sexual, ou seja, a castração (TULPE; TORCHINOV, 2000). Mesmo com a depreciação social que precedia seu nome, conquistou um grupo considerável de indivíduos a lhe seguir, comovendo-os e mais tarde convencendo-os da remoção de órgãos humanos. É importante salientar que após seu falecimento, a seita não entrou em declínio como era esperado, mas consolidou-se na Rússia, o que denota a influência que sua pessoa exercia (TORTAMANO, 2020).

O entendimento de que nem mesmo as práticas dos Khlisti - que induziam o distanciamento de bebida, agressão verbal ou física e atividade sexual - eram suficientes para sustentação da fidelidade à Cristo, desembocaram na fundação da Skoptsy. Além disso, criam em uma única figura suprema, com a especificidade de que havia encarnado na Rússia - momento compreendido como segunda vinda de Cristo - e seria o próprio Selivanov que exerceria o papel de ministrar a verdade que libertaria almas (TULPE; TORCHINOV, 2000). Para tanto, iniciando a disseminação da seita, ele e outros membros que lideravam conjuntamente, praticaram mutilação de seus órgãos sexuais (TORTAMANO, 2020). Com essa atitude, Selivanov encorajou indivíduos à prática de automutilação, sob o discurso de dissolução do pecado e vida eterna em um paraíso.

Outrossim, admitiam veementemente que um dos males preeminentes nesse mundo eram precedidos pelo enraizamento em banalizações corporais e sexuais, o que acabava impedindo a relação vivificada em Deus. Em função disto, a seita preconizava o viés da libertação do pecado através da castração. No que se refere a configuração de vida, eram moldadas sob caráter simplista, baseada em sua fé, envolvimento no trabalho, agricultura e marcados pela aversão às bebidas, além do fato de que criam em revelações do Espírito Santo, as quais estavam presentes em seus escritos. A disseminação da seita apresenta-se em dois momentos, de acordo com Tulpe e Torchinov (2000), a saber, o primeiro como mais esplendoroso e em um segundo episódio, por volta de 1790, os seguidores eram em suma, comerciantes, vendedores e artesãos. Por conseguinte, faz-se imprescindível salientar que o fervor de Selivanov levou a organização religiosa a amontoar cerca de um milhão de fiéis, mesmo após sua morte ela persistiu, tendo sua vigência interferida somente a partir do governo Stalin, onde havia repressão a atos religiosos. Assim, paulatinamente, os praticantes foram abandonando os rituais, desencadeando em sua extinção (TORTAMANO, 2020).

Ao longo da história do Cristianismo, ficou evidente casos onde personalidades lutavam contra sua natureza pecaminosa, encontrando na castração a solução para este erro. Ainda menciona-se a passagem bíblica situada em Mateus 19:12 para demonstrar que a mutilação das genitálias não é incomum e que sustenta a justificativa para que atos como esse

não causem estranheza, então “(...) há eunucos que se fizeram eunucos por causa do Reino dos Céus” (TULPE; TORCHINOV, 2000, p.80, tradução nossa).¹. Ratificando que a automutilação sob fundamento religioso não entrou em desuso, apesar dos séculos, os Skoptsy a consideram principal condição para salvação, pois haveria a libertação do coração e mente de transgressões ditas carnisais, sendo, portanto, anulados através da perfeição e santificação.

É sabido que a seita russa unia-se na defesa de práticas de autopunição, utilizando além da cisão de seus órgãos sexuais, cintos e objetos cortantes, com o intuito de se deformarem e fugirem da aparência da vaidade (TULPE; TORCHINOV, 2000). Os simpatizantes da organização religiosa apontavam ser possível expiar seus pecados através de rituais intitulados por “O Selo” onde expressavam a fé em Deus. Acredita-se que os homens que extraíam o saco escrotal testemunhavam fervor ameno do que aqueles que retiravam além dele, o pênis. Já as mulheres removiam seus seios e tinham suas genitálias mutiladas, para este gênero não há especificação de maior atributo de fé associado a uma ou outra forma de punição (TORTAMANO, 2020). Aludindo ao batismo de Cristo, os Skoptsy entendiam que a castração era uma espécie de batismo de fogo, o que marcava sua inserção factual na seita, reconhecimento e absolvição dos pecados. Tulpe e Torchinov (2000) ainda destaca que as flagelações, feridas sangrentas e automutilações expressam o estado de êxtase em que esses indivíduos estavam submersos.

Haviam nuances entre as seitas em vigência na Rússia - por volta da segunda metade do século XVII - mas todas elas caracterizavam-se pela predominância da ideia de que a salvação religiosa excluía a mediação da Igreja entre os crentes e Deus, ou seja, se sustentava pela conexão direta com o próprio. É também no seio do sectarismo russo que as tradições da fé popular deste povo se sobressaíam às ideias do Novo Testamento (TULPE; TORCHINOV, 2000). É possível, então, perceber que o entusiasmo de Selivanov encontrou solo fecundo para implantação de verdades que, de certo modo, já eram alimentadas culturalmente. Ainda no que tange à orientação religiosa que sedimentava a seita, há compreensão dúbia quanto a sua aplicação, alguns autores como Tortamano (2020) endossam que a organização segue a orientação do cristianismo ortodoxo, aproximando-se do protestantismo, mas outros como Tulpe e Torchinov (2000) ratificam que se relaciona mais com o catolicismo. Apesar do conflito, vê-se de modo generalista o delineamento à guia do Cristianismo que evidencia a luta contra a “carne” (TULPE; TORCHINOV, 2000).

No que tange ao contexto histórico, a seita é resultado do desdobramento do sectarismo russo, e, mais especificamente, de outro agrupamento, os Khlisti. Como mencionado anteriormente, a não adesão deste grupo às reformas da Igreja Ortodoxa no século XVII fez com que fosse mal visto. Há ainda uma plausibilidade que sustenta a evasão da doutrina majoritária e engajamento em seitas, qual seja a percepção da burocracia inerente à Igreja, elitização e fragilização da fé (SKRIPNIK, 2016). Como discorrido, a conjuntura da Rússia e degradação da Igreja abriu margem para inserção de seitas e do próprio misticismo, transcendendo para a intolerância às religiões dissidentes, muito pela vinculação com a cultura romana medieval, bem como incorporação dos preceitos oriundos do Império Bizantino (FONSECA, 2016).

Viu-se, para tanto, a articulação da Igreja Ortodoxa Russa como um dos elementos constituintes da máquina que gerenciava a sociedade na segunda metade do século XVII, como também elemento de repressão e afugentamento dos discordantes. Ademais, esse período da monarquia czarista foi marcado pela inconveniência das seitas que fogem aos preceitos da Igreja Ortodoxa, entretanto, apesar da introspecção imposta pelo sectarismo, as seitas avançaram em seus objetivos.

Por conseguinte, as orientações propostas pelos Skoptsy despertaram a resistência por parte do Governo Russo, onde a Imperatriz, Catarina II, designou uma força de contenção e

reação mediante consideração de que se tratava de uma facção herege. Acredita-se, desta maneira, que a difusão de que Selivanov era um Cristo reencarnado tenha fomentado, por volta de 1807, a determinação do Santo Sínodo de que a seita enquadra-se como perigosa heresia e exerce constante blasfêmia contra Deus, esta proposta resultou a inclusão desta definição no Código de Leis do Império Russo (TULPE; TORCHINOV, 2000).

A partir das situações e acontecimentos que envolviam a organização religiosa, com o passar do tempo tornou-se insustentável a fuga da repressão exercida pelo Governo e Igreja. O ápice se deu quando o líder Selivanov sugeriu ao imperador que se castrasse, a atitude rendeu-lhe a internação em um asilo - de loucos - e posterior absolvição em função dos membros Skoptsy que eram bem afortunados e que suplicaram junto a Alexandre I. Ainda há especulações acerca de profecias que Selivanov confidenciou ao imperador, acerca da derrota das tropas russas em Austerlitz. A vida do líder expressa uma trajetória marcada por altos e baixos, com ganhos e presentes de admiradores, enquanto vivia por São Petersburgo, bem como isolamento em um mosteiro em seus momentos finais (TULPE; TORCHINOV, 2000).

Dessarte, os Skoptsy se tornaram um movimento generalizado na segunda metade do século XVIII e início do século XIX que difundiu-se por Moscou, São Petersburgo, Sibéria, Bessarábia, dentre outras regiões. A perseguição desempenhada pelas autoridades não impediam ou restringiam o sucesso da seita entre a população russa, e maximizou a repercussão da organização, concomitantemente, estimulando o fanatismo. Apesar de seu sucesso, autores como Tulpe e Torchinov (2000) anuem que os Skoptsy dispunham de uma compreensão vaga acerca dos poderes celestiais e da redenção.

De toda maneira, mesmo após o falecimento de Selivanov em 1832, seus seguidores continuavam certos de que havia entrado em ocultação e brevemente se transformaria em nova aparência, o que marcaria o início da apoteose dos Skoptsy no âmbito terreno (TULPE; TORCHINOV, 2000). Com a vigência e coerção às manifestações religiosas oriundas do stalinismo, testificou-se o declínio da seita que agregou cerca de um milhão de seguidores ao longo de sua duração (TORTAMANO, 2020). Atualmente, conjectura-se que não há a existência de novos membros Skoptsy, contudo, há a ênfase de uma conceituação e modalidade de vida análoga à seita, qual sejam os antissexuais (SKRIPNIK, 2016).

2.2. A extirpação do pecado sexual e as práticas medievais de automutilação

O mundo medieval é marcado pela sacralização e a sexualidade acaba sendo atravessado por este ideal. É somente com a Reforma que a “aura sagrada do feudalismo” (NUNES, 1987, p. 91) apresenta instabilidade e abre margem para outras percepções. Apesar disto, o paradigma disposto neste momento histórico evidencia a pecaminosidade inerente ao universo da sexualidade. Para tanto, a Igreja articula-se no intuito de suprimir os pensamentos de cunho erótico, neutralizar os desejos e combater qualquer tentativa de prática sexual através da inquisição e vigilância, utilizando o discurso do pecado para coagir, além de estabelecer normas e condutas, uma delas o incentivo à castidade. Dantas (2010, p. 702) discorre que “Vários exercícios ascéticos foram desenvolvidos para fragilizar o corpo e purificar a alma. Práticas de mutilação corporal foram adotadas, visando inibir instintos”.

Destarte, corroborando a citação anterior, verificamos que para os Skoptsy, a maneira de testemunhar a devoção e aceitação da ordem divina, ou seja, dissociando-se do pecado carnal, se aplica em efetividade através da prática de automutilação. A moralidade religiosa fomenta a correção do dito pecado originário e institui paulatinamente o extremismo religioso que encontra em alguns meios o solo fértil não apenas para a prática da obediência, mas do reconhecimento da dívida diante de Deus, desembocando no sentimento de culpa (SOLER;

VAZ; PITZ, 2020). Valério (2010) remete-se à Foucault e ao seu posicionamento de que o discurso cristão é naturalmente coercitivo, e tem por finalidade a imposição da ordem religiosa. As doutrinas e seitas são segmentos que exemplificam o poder do discurso, pois por meio dele são firmadas condutas restritas e inquestionáveis. Ademais, vê-se nas discussões propostas por Foucault, que a prática de autocontrole imposta aos indivíduos que compõem os Skoptsy, através da fomentação de obediência, pode ser compreendido como veridicção de si (AVELINO, 2017).

É, portanto, através do cristianismo que os dispositivos de poder são implementados em sociedade e determinam condutas. O que vemos é a aplicação da modelação das subjetividades através da instauração de verdades guiadas à luz do cristianismo. É válido frisar que a perpétua busca pela atenuação das dívidas adquiridas pela desobediência, incitaram os Skoptsy aos “rituais de mortificação e culpabilização” (SOLER; VAZ; PITZ, 2020, p. 119). O que parecia inusitado por atingir o ápice da autoflagelação, era realizado com exultação pelos membros da seita Russa. Muito disso está atrelado à concepção tecida por Foucault, onde a instauração da verdade proposta pelo cristianismo medieval desencadeia a urgência de adequação para não desapossar-se do tesouro celeste, mais do que isso, fomenta a perfeição que encoraja e justifica a automutilação (VALÉRIO, 2010). Assim, a seita Skoptsy ficou conhecida pelo seu modo de operação e disseminou-se pelos povoados da Rússia, convertendo pessoas à prática de extirpação (TULPE; TORCHINOV, 2000). É imprescindível refletir que a adesão à seita pressupõe a instauração do discurso religioso em seio social, conclamando e em seguida convencendo que esta prática é acompanhada de sentido.

Nunes (1987, p.15) diz que “as relações sexuais são relações sociais, construídas historicamente em determinadas estruturas, modelos e valores que dizem respeito a determinados interesses de épocas diferentes”. Apesar de estarem inseridos na modernidade, a estrutura dos Skoptsy pauta-se na ótica da Idade Média, ou seja, demonstram a noção de pecado sexual perpassando os âmbitos psicológico, comportamental, emocional e espiritual de uma pessoa, de modo que a automutilação sequer é discutida ou contestada. É notório o assujeitamento dos corpos, por intermédio da autopunição como tentativa de extirpar os pecados carnis. Ademais, a confissão surge no sentido de atenuar a prática pecaminosa, além de verificar sua incidência e gravidade. Neste caso, o confessor averigua se o sujeito tocou seu corpo por curiosidade ou sensualidade, se os movimentos indecentes executados atingiram o derramamento de sêmen ou se houve interrupção. Há, então, no uso da técnica confessional a vigência da penitência das individualidades que se manifestem antagônicas às orientações dispostas pelo moralismo religioso, que prezam pela obediência e decência (AVELINO, 2017).

Ainda no que tange à prática da confissão, Avelino (2017, p. 6) afirma que “Se a confissão conforta, é porque está indexada na lógica da salvação: ela é alívio para as consciências atormentadas, as quais jamais cansou de perdoar; é flagelo do demônio que barra as portas do inferno e franqueia as do paraíso”. Assim, soa como errôneo pensar ou ter a intenção sexual, mesmo que não haja efetividade do ato, a concupiscência da carne está evidente, gerando um pecador e por consequência o desagrado de uma figura suprema. Buscando reparar a transgressão que precede o homem, mesmo antes da vida em sua consciência, os Skoptsy se articularam com intuito de eximir a culpa utilizando como método, o corpo. Embora que não haja comprovações do segmento religioso dos Skoptsy, alguns autores como Tulpe e Torchinov (2000) evidenciam a associação ao catolicismo, enquanto outros como Tortamano (2020) apontam sua aproximação ao protestantismo, ambas as leituras sobressaltam que a função da confissão está para tranquilizar corações e almas afugentadas ao pecado que buscam absorção. Todavia, enquanto no catolicismo aplica-se através da relação confessoriais, líder eclesiástico e confidante, na religião protestante ela é

implementada através da concepção de pecado original, ou seja, a confissão é infinita (AVELINO, 2017).

Dessa maneira, a confissão exerceu um serviço público no intuito de distanciar almas do pecado, disponibilizando salvação, mas, sobretudo, articulando-se como instrumento de normatização de subjetividades (AVELINO, 2017). Depreende-se que o medo da exclusão do paraíso e adequação com a moral social imposta ratificou comportamentos opressores ao eu, seja ao nível do pensamento e comportamento, constituindo a ideia de verdade absoluta e único caminho plausível, estigmatizando aqueles que fogem à regra. Dantas (2010) sobressalta formatações de punições deliberadas pela instituição religiosa, seja a virgindade feminina como símbolo de castidade e separação dos perigos sexuais, o matrimônio a fim de conter os impulsos lascivos despertados pelas mulheres, a mutilação corporal para aqueles que não dedicavam-se à privação, constatando a atenuação da blasfêmia contra Cristo.

Ademais, os indivíduos eram designados a monitorar o desejo, onde haveria supremacia da purificação da alma em detrimento da vontade carnal. Referindo-se à mutilação:

Práticas de mutilação corporal foram adotadas, visando inibir os instintos. Era necessário realizar um árduo trabalho de vigilância e controle dos pensamentos, imagens e desejos na tentativa de inibir os movimentos involuntários do corpo e da alma, restringir o poder da vontade e anular a concupiscência. (DANTAS, 2010, p. 702).

Nesse espectro, vigiar o desejo erótico e expurgar a raiz do pecado identificado era e é a atitude prescrita para aqueles que almejam a salvação. A Igreja, então, a partir do século XII, tomou para si a responsabilidade de legitimar e inspecionar o matrimônio de cristãos, disponibilizando um membro clérigo - celibatário - para “normatizar e disciplinar a relação conjugal” (DANTAS, 2017, p.703). Denota-se, nesse recorte histórico, a supremacia do poder da Igreja para regulamentação não apenas das instituições conjugais, mas também de corpos e subjetividades, através do discurso da extirpação do pecado, santificação e promessa de vida próspera e eterna. Mesmo mediante o matrimônio e supervisão da Igreja, a partir do séculos XII e XIII, a prática sexual passou a ser vista como sagrada/pura, devendo se destituir das extravagâncias, eroticismo e promiscuidade (DANTAS, 2010). Foucault ainda endossa que o sexo transmutou-se ao longo das organizações das sociedades como aspecto da vida que necessita ser fiscalizado, mas também confessado, como discutido outrora, além de expurgado - como quem foge do demônio (PORTOCARRERO, 1994).

A complacência de sujeitos à modelos de vida aceitos e regulados, leia-se, dissociados dos desejos sexuais, expressam o que Foucault acreditava ser uma aplicabilidade de governo sob os homens, ou seja, exercício de controle instituídos pelo cristianismo. Há sempre o perigo iminente de ceder a tentação, por isso, se acautela através da vigência do medo de transgressão e culpa pela natureza pecaminosa, gerando, concomitantemente, o assujeitamento. Acerca deste último, Avelino (2017) remonta-se a Esposito e sua leitura versando Heidegger e Foucault e os conceitos de maquinação e dispositivo, resultando na ideia de que a máquina teológico-política se apresenta como meio de assujeitamento ou rendição. Foucault discorre que a concepção de sujeito está para duas interpretações, qual seja a de submissão a outro - cedendo ao controle - e sujeito a sua própria identidade, em ambos os casos, a terminologia infere uma formatação de poder que acaba por subjugar a algo/alguém (AVELINO, 2017). Analogicamente, os membros da Skoptsy estavam não somente presos aos ideais de Selivanov - fundador - mas subservientes também aos ritualísticos pressupostos

cristãos, negando a si mesmos e mutilando-se para alcançar espaço em configurações sociais regidas pelo moralismo extremado.

Destarte, transcorre-se de um século para outro a imprescindibilidade do papel moral na construção da sociedade, suas matrizes, paralelamente, estão relacionadas à concepção de verdade absoluta. Conforme Portocarrero (1994) destaca, Foucault não acredita na verdade, para o autor esta concepção é preponderante em nosso sistema de cultura pois dispõe-se a propagá-la enquanto dever e não possibilidade, reforçando o assujeitamento em detrimento da liberdade experiencial e de consciência. Aludindo aos membros da Skoptsy, os delineamentos da seita veiculam a produção da verdade através de rituais com práticas de automutilação, estabelecendo-a enquanto indispensável para seguridade na premissa de almas salvas. Assim, verifica-se a aplicação do extremismo religioso, tecendo narrativas e criando vítimas. Fazendo menção à Foucault, Portocarrero (1994, p.57) adverte que “(...) não há nada mais tirânico e fatal do que colocar sua vida, seus desejos ou sua sexualidade sob o signo de uma ciência ou de uma ideologia, ou melhor, de uma petição de verdade (...)”.

Versando o discurso de cunho religioso com a temática da sexualidade, ainda no século XII, o homem é ligado à figura divina e sua conduta deve satisfazê-lo. Diz-se que o ato sexual quando foge da prescrição dita normal, leia-se, procriação, aproxima-se do pecado, e a masturbação é uma das tipificações elencadas como excludente do direito à salvação. Mais do que isso, dar vazão aos desejos carnis é ceder à luxúria, aproximando-se de critérios de vida diabólicos (SALLES, 2010). Sob esta justificativa, os membros Skoptsy mutilavam seus corpos, pois se enxergavam como nocivos a si mesmos e malfeitores diante de Deus, ainda envoltos pela ideia de constante pecado. Assim, no sentido de esmaecer seus erros, as mulheres retiravam suas mamas e os homens o órgão genital.

A Idade Média surge arraigada por crenças rígidas incitadas pela religião, o que leva o sociólogo Bastide (1898) a evidenciar que a religião moldou as diversas culturas de distintos povos com o passar das gerações, provendo costumes e regras. Um dos pressupostos estabelecidos pela Igreja como satisfatórios para a manutenção da moral e vida com Deus era o desvencilhamento da atividade sexual por vê-la como promíscua e, portanto, desencadeadora de pecado. Valério (2004) discorre sobre o poder religioso e sua aplicação para gerenciamento de corpos, regulação do prazer e comportamentos, sendo neste cenário que surge os Skoptsy, coadunando com a repressão da sexualidade, o líder encabeça um processo de santificação e limpeza dos pecados a partir da martirização e punição de seus próprios corpos. Buscando evitar pensamentos e comportamentos carnis, sugere-se em um ato extremista a automutilação de órgãos sexuais para atenuar a blasfêmia contra Deus. Vemos que as características da seita sustentam o diagnóstico de extremismo religioso, mas apesar disto, à época, não pareceu assombrar ou espantar, pelo contrário, continuava a convocar e contar com novos adeptos.

2.3. A medicina moderna, os atos de automutilação e a sexualidade

O transcorrer da Idade Média é imbuído por preceitos religiosos de aversão à sexualidade. Já para o mundo moderno, que emerge como “profano, crítico, liberal, que elege a razão como nova forma de compreensão do mundo, rejeitando a fé e os dogmas medievais” (NUNES, 1987, p.91). Esse vai ser o divisor que demarcará o medieval do moderno. Apesar disto, Valério (2010) remete à argumentação de Foucault de que a imprescindibilidade da confissão, prática alimentada pelo catolicismo medieval, permanecerá existindo agora através da ciência moderna.. A dubiedade também é sinalizada por Nunes (1987), pois apesar de

desnudar-se do retrógrado, viu-se também na Modernidade a imposição de controle sobre o sexo e masturbação, agora através da razão.

Aludindo à Avelino (2017), os métodos corporais de punição transpassaram da era clássica para a moderna como indicativo de controle. Paralelo a isso, a regulamentação da vida e prescrições sobre o relacionamento com o próprio corpo demonstram a vigência do poder normativo. A disciplina, então, é o instrumento utilizado para vigiar, reprimir e adequar estes mesmos corpos à norma difundida (HENRIQUES, 2018). Como discutido anteriormente, a confissão articulou-se como método de apaziguamento destas naturezas humanas, mas diferentemente da confissão sustentada ao longo da Idade Média, o século XIX faz emergir outra tipificação de confissão, que preza por admitir a psicopatologia a fim de conscientizar-se e escancarar a realidade. O mecanismo da confissão está envolto pela culpa, pois são suas falhas que o trouxeram a este estado que precisa urgentemente ser assumido a fim de que o tratamento terapêutico apresente êxito (SOLER; VAZ; PITZ, 2020).

Nesse prisma, Foucault evidencia que para discutir a história da sexualidade na modernidade, tornou-se imprescindível a junção dos diversos vieses que a fomentavam, qual seja a medicina, psiquiatria, biologia, referências religiosas, filosóficas, literárias, bem como os discursos internos das instituições. A aplicação do poder, neste caso, articula-se em rede, com o intuito de trazer o sujeito à vida e tornar as sociedades úteis e produtivas através da regulação (PORTOCARRERO, 1994).

A perspectiva legalista inerente à religião, torna a busca pelo enquadramento uma corrida perpétua, objetivando um produto sem manchas, puro e perfeito. O sujeito que depara-se com essa noção proibitiva e rigorosa tende a apresentar maior incongruência. Sobressalta-se em relação a regulamentação da religião que:

“O triunfo do cristianismo não fez senão sistematizar ainda mais fortemente a concepção arcaica fornecendo aos médicos (bem como aos teólogos) um esquema maniqueísta dos delírios e dos atos insólitos, que são o fruto do pecado, por parte do homem, a luta contra Satã com Deus pela dominação do mundo” (BASTIDE, 1898, p.250).

Estas divergências entre o sagrado e o profano foram tocadas por Dalgalarrondo (2008) que aponta que o exercício das inibições de natureza sexual, sob constituições culturais, etárias, educacionais, religiosas, que coadunam com proposições de pecado e culpa, sejam a nível de fantasias, pensamentos ou mesmo interesse por esta temática podem desembocar na incidência de conflitos intrapsíquicos.

É neste ponto que torna-se imprescindível destacar a associação entre a religião e a incidência de doenças mentais, analisados, agora, à luz da Ciência Moderna e através da razão. Bastide (1898) menciona Durkheim e sua opinião acerca do papel social da religião, que deve ser integrativo, se articulando no sentido de proporcionar experiências místicas e profundas. Debruçando-nos na funcionalidade da religião na vida do sujeito, pode-se acreditar que a espiritualidade deve manter a conexão e o sentido, mas não dissociar uma personalidade a ponto de convencê-la a atos de automutilação, maximizando os riscos à patologização.

Uma revisão de literatura evidenciou dezesseis casos de automutilação que tiveram como motivação versículos bíblicos. A saber, Mateus 18:8, Mateus 5:30 e Mateus 5:29 que fazem menção à possibilidade de lançar fora mãos, pés, olhos caso gerem constrangimento, pois é melhor desfrutar da vida eterna em plena paz, mesmo que mutilado, do que estar sujeito ao lago de fogo - inferno. A partir deste mesmo estudo, observou-se que 87% dos mutiladores genitais manifestavam estado de psicose no momento da lesão, sendo o diagnóstico mais comum de esquizofrenia com 51% de evidência. Além disso, em quatro casos foi perceptível

que as partes do corpo desmembradas foram impossibilitadas de reparo, quando era possível, os indivíduos mantiveram-se relutantes. Outro aspecto percebido é a culpabilização arraigada aos desejos sexuais (SCHWERKOSKE; CAPLAN; BENFORD, 2012).

Sob esse viés, Bastide (1898) questiona em seu livro se as sociedades podem tornar-se loucas, para tanto, busca resgatar as formas coletivas de loucura e em seguida verifica se há plausibilidade teórica que sustente a evolução da patologização individual para grupal. O sociólogo faz menção a formulação de leis propostas por pesquisadores em 1877, versando a religião e manifestação de psicopatologia, sobre esse material, apurou-se que ocorre por indução, onde o contágio da loucura inicia a partir de um indivíduo mais inteligente que o outro, criando o delírio; no meio fechado preconiza-se que o grupo seja isolado para que o delírio se manifeste; já no contágio por credibilidade, para que haja propagação, é necessário a manutenção de uma caráter de verossimilhança. Após esta evidenciação, refletimos a qual grupo a seita Skoptsy poderia pertencer dentro do espectro de discussão que a psiquiatria deste momento histórico fomentava, então, há maior aproximação com o contágio da loucura por meio fechado, onde o firmamento do grupo gera sua indestrutibilidade por um tempo considerável, mas há de se pensar também nas nuances da indução, pois Selivanov assumiu a postura de indutor, criando e disseminando o delírio.

Ainda no fim do século XIX, o sexo era compreendido como abominável. O surgimento da sífilis potencializou a caracterização da vida sexual como sendo indevida, e utilizado como meio de contingência, o medo. Tanto médicos quanto religiosos aproveitaram este problema de saúde pública como ferramenta para manutenção do controle da sexualidade, seja sugerindo a monogamia ou castidade. A prescrição da abstenção da vida sexual inferiu a reflexão de cristãos que acreditam ser possível obedecer às normas religiosas, assim como satisfazer seus desejos. Então, ainda no século XIX é possível observar que não é impossível compatibilizar a religião e a sexualidade (DANTAS, 2010).

Retomando o discurso médico, o psiquiatra Xavier de Oliveira desdobra-se sobre o misticismo e estabelece dialogicidade com a medicina. Envolto pela determinação de sua religião, o catolicismo, ele reflete em um movimento duplo sobre o discurso médico-psiquiátrico e o diagnóstico, patologização mental e as apresentações da fé. Xavier estudou casos de epidemias místicas em pequenos grupos e percebeu um delineamento característico, o fanatismo e a miséria a qual homens e mulheres estavam submetidos. Apesar de buscar o contraponto, a sua orientação religiosa limitou a percepção de fatores socioculturais, de modo que o misticismo estava proporcionalmente e somente relacionado à patologização. Nesse quesito, Isaia (2010, p.255) ratifica que “Pelo seu diagnóstico, só restava aos misticopatas curvarem-se à autoridade do médico, capaz de submetê-los à disciplina”. O poder disciplinar mais uma vez mostra-se como segregacionista.

Destarte, o antropólogo e médico Raimundo Nina Rodrigues também realizou estudos que estabelecem a intersecção entre religião e loucura, de modo que encontrou alguns eventos no Brasil, o mais citado sendo a loucura epidêmica de Canudos. Ele percebe que a “loucura coletiva” é resultado da aplicação de crenças poderosas que encontram espaços férteis, vulnerabilidade e ânsia por milagres. Nina Rodrigues expõe em um de seus capítulos a brutalidade da associação entre fanatismo e religião, através do exemplo que ocorreu na cidade de Pedra-Bonita, em Pernambuco, onde um delirante acreditou ter descoberto o que chamou de Édem do Agreste, suggestionando a morte de inúmeras pessoas pela urgência em viver nesse jardim celestial (DALGALARRONDO, 2007).

Em paralelo, é válido salientar que Ball (2015) apresenta o delineamento predisponente a indivíduos que mais tarde manifestam a “loucura religiosa”, um dos fatores é o seio familiar, ou seja, se há rigidez e saturação de ideias místicas/religiosas há maior propensão à excitação da loucura. Ademais, a masturbação é considerada uma das causas que

mais se sobressaem, também como um sintoma usual da doença. Desse modo, vê-se a relação intrínseca entre a excitação sexual instigando a loucura religiosa.

Dalgalarro (2007) reporta-se a Nina Rodrigues e suas considerações acerca dos diagnósticos psicopatológicos permeados pela tendência religiosa, a saber, a parafrenia que elabora delírios místicos, a esquizofrenia com conteúdo místico-erótico e também a melancolia. Ademais, ele também descreve dois casos de automutilação do pênis realizado por jovens, ambos envoltos pela exacerbação do pensamento religioso, além da vigência do delírio místico. Nesses casos, verificou-se a incompreensão à masturbação e aos pensamentos eróticos, de modo que se tornaram desencadeadores dos atos de mutilação para sanar a problemática do pecado carnal.

No que tange a compreensão das psicopatologias que manifestam a questão religiosa em sua estruturação, o DSM (2014) destaca que o transtorno delirante tem uma vertente de conteúdo religioso atrelado ao subtipo grandioso. Além disso, no transtorno dissociativo de identidade, as diversas fragmentações podem adotar formas míticas, de espíritos ou divindades, por exemplo, o que é perceptível no discurso de Selivanov, a incorporação da imagem de Cristo. O manual também estabelece alguns fatores a ser considerados no processo de avaliação e diagnóstico das disfunções sexuais, um destes são os aspectos culturais ou religiosos, especificamente as proibições relacionadas a atividade sexual ou prazer. Por fim, o que vemos é o mecanismo de aglutinação de justificativas que sustentem a repressão da sexualidade, não apenas pelo viés religioso, mas também médico. É sabido que a racionalidade incutida pela Modernidade associa o místico à patologização, e restringe as etiologias infundindo-as a estereótipos. Desse modo, o controle exercido pela ordem religiosa atravessa e alcança o discurso médico, instituindo as classificações nosológicas e tolhendo as multiplicidades e subjetividades.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa descritiva, que traduz e expressa os aspectos da manifestação do fenômeno (GODOY, 1995), versa acerca dos discursos elaborados por alguns autores (LATTANZIO; RIBEIRO, 2017. MARTINS, 2016. CARVALHO, 2016. ALEKSANDROV, 2019) sobre a seita Skoptsy e suas práticas de automutilação. Utilizou-se para a busca, bases de dados nacionais e internacionais, como a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Portal CAPES e SciELO. Aplicou-se o descritor “Skoptsy” que resultou no acúmulo de quatro produções.

Por conseguinte, a elegibilidade de materiais para o presente estudo debruçou-se, à priori, na leitura inspeccional de títulos, resumos e textos completos em que os autores mencionam os Skoptsy em algum momento de suas produções e que estivessem disponíveis para acesso integral nas plataformas. Não empregou-se critério (filtro) de temporalidade e idioma em português pela complexidade do tema e escassez de material, evitando, assim, demais restrições. Além disso, foram utilizados na elaboração do referido trabalho, materiais complementares que agregam na inteireza da discussão. Foram excluídos os estudos discrepantes da proposta, assim como os indisponíveis para leitura e análise gratuita.

O cumprimento da revisão integrativa, sintetizando resultados abrangente e ordenadamente, coordenando as informações encontradas acerca do assunto e, por conseguinte, elaborando um seguimento de conhecimento (ERCOLE; MELO, 2014) foi executada pela autora por intermédio de dispositivos eletrônicos. Assim, analisou-se

qualitativamente os materiais, a fim de entender os enfoques estabelecidos pelos autores ao abordar os Skoptsy. Foi realizada uma Análise de Conteúdo Temática de Bardin (SOUSA, 2020) com o objetivo de entender o discurso sobre a seita nos textos, o que gerou a formulação de três categorias discursivas, a sexualidade e os Skoptsy: prática de pederastia, seguido pelas punições legais para as práticas dos Skoptsy e intersecção entre Skoptsy e transexualidade, onde esta última se desdobra em transexualidade e redesignação de sexo e a transexualidade entre psicanálise e teoria feminista. Por fim, a pesquisa não foi submetida ao Comitê de Ética por não tratar diretamente com os sujeitos pesquisados, assim como não foi utilizado nenhum instrumento específico.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A amostra resultante deste estudo obteve quatro produções, sendo dois artigos, uma dissertação de mestrado e uma tese de doutorado (ALEKSANDROV, 2019. LATTANZIO; RIBEIRO, 2017. MARTINS, 2016. CARVALHO, 2016). Todas selecionadas em consonância com os critérios de inclusão estabelecidos. Desse modo, o resultado derivou-se da busca pelo descritor “Skoptsy” nas bases de dados Scielo, BVS e CAPES. Houve dificuldades na aplicabilidade de filtros como temporalidade, sendo, portanto, desconsiderado com o intuito de evitar restrições. Destarte, outro empecilho que mostrou-se evidente foi o acesso parcial aos materiais, visto que alguns seriam liberados mediante pagamento. Ao longo deste trabalho, distribuímos a discussão acerca dos Skoptsy, à priori com a caracterização da seita, posteriormente com a visualização das práticas de automutilação a fim de extirpar o pecado sexual e a concepção da medicina moderna sobre as práticas de sexualidade e automutilação. No que concerne às discussões que emergem a partir da prática de automutilação em membros Skoptsy, os materiais resgatados foram quantitativamente diminutos, ou seja, não há imensidão de produções sobre esta temática. Para tanto, criou-se categorias a fim de sistematizar as informações coletadas nos materiais recuperados com maior eficiência. A saber, a primeira se trata da prática de pederastia e a percepção da sexualidade, seguida pelas punições legais que o governo russo estabeleceu para membros Skoptsy. A última destaca a intersecção entre a transexualidade e os Skoptsy, e resultou em dois subitens: transexualidade e redesignação de sexo, seguida pela transexualidade entre psicanálise e teoria feminista. Ademais, dos materiais recuperados, três deles abordam os Skoptsy de maneira mais generalista e ampla, e um é específico, discorrendo acerca das punições para práticas de automutilação.

4.1. A sexualidade e os Skoptsy: prática de pederastia

Na dissertação de mestrado intitulada “Educação e Diversidade Sexual: (in) visibilidade nos Planos de Ensino da Área de Ciências Humanas e suas Tecnologias no Ensino Médio Maranhense” (MARTINS, 2016, São Luis), o autor desdobra-se sobre a manifestação da sexualidade humana em diversos contextos culturais. Para isso, remonta às abordagens da temática da sexualidade e gênero, a fim de compreender suas repercussões em espaços sociais, neste caso, o âmbito escolar, que foi estabelecido como lócus de sua pesquisa. Aludindo às práticas de violência contra lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis, ele percebe as políticas públicas da educação como mobilizadoras e sensibilizadoras da inclusão à

diversidade. Martins (2016) demonstra a deliberação da homossexualidade na antiguidade e usa os Skoptsy como exemplo, o autor remete-se às práticas de pederastia usuais ao grupo, e utiliza este termo para explicar a “relação entre homens adultos e jovens ou adolescentes, em que o homem mais velho iniciava o mais novo na vida sexual” (2016, p. 34).

O autor discorre acerca do antagonismo em que tratamos a sexualidade, a nível Brasil, por vezes exaltando-a e tornando-a visível como em festividades carnavalescas, ao passo que concilia a valores morais através da manutenção da castidade e virgindade. Martins (2016, p.27-28) diz que “A sexualidade humana se manifesta por meio de padrões culturais historicamente determinados, pois não foi vista da mesma forma em todos os períodos históricos da humanidade”. Para tanto, vemos que, para o autor, a prática de pederastia dos Skoptsy são imbuídas pelos ideais amorosos dos gregos e romanos entre pessoas do mesmo sexo, “(...) a forma como os povos da antiguidade encaravam o amor entre pessoas do mesmo sexo, era entendida de modo natural” (Martins, 2016, p. 35). Esta associação entre Skoptsy e homossexualidade ainda não havia sido encontrada em nenhuma outra leitura

4.2. Punições legais para as práticas dos Skoptsy

Outro discurso que emerge junto às práticas de automutilação desempenhadas pelos membros Skoptsy, são as sentenças penais prescritas pelo Código de 1845. Aleksandrov (2019) fez um levantamento dos métodos jurídicos adotados pelo Estado Russo através do Código de 1845 e os elencou em seu trabalho titulado por “Código de sentencias penales y correccionales de 1845 sobre la responsabilidad de Skoptsy” (ALEKSANDROV, 2019, México). O autor revela que a fim de minimizar a propagação de heresias, o regulamento considerou crime a sedução de crentes ortodoxos à conversão desta seita, com a possibilidade de exílio da Rússia europeia para a Transcaucásia, Cáucaso e Áreas do Mar Cáspio. Por conseguinte, o artigo 208 do referido Código Penal destacou a proibição desses cultos em meio urbano, enquanto o 212 previa que o simples ato de pertencer a tais grupos religiosos extremistas, já se configurava como subversão, e, portanto, passível à punição.

O que atribuía maior caráter de periculosidade aos Skoptsy era a prática de mutilação com requintes de barbaridade, uma vez que “(...) foi considerado um exemplo das heresias ligadas "com crueldade fanática"” (ALEKSANDROV, 2019, p.5, tradução nossa)². O artigo 211 é específico sobre as advertências que deveriam lhes afligir uma vez que associados às atividades de castração de si mesmos ou de outros por misticismo religioso, pois fica evidente a crivo de violência e para tais atos, à privação de direitos e determinação de trabalho forçados em fábricas por um período de quatro a seis anos (ALEKSANDROV, 2019).

À vista disto, entendia-se também que todo dano causado aos órgãos genitais, sejam aqueles que implicam na privação da relação sexual, bem como os que definem a improdutividade, são considerados crimes. O autor destaca que no período do reinado de Alexandre I, as políticas de contingenciamento não eram tão eficazes, de modo que muitos integrantes Skoptsy passaram despercebidos e evadiram de uma área à outra, ou mentiam alegando terem sido castrados por falecidos, desconhecidos, durante o sono ou por lesões e doenças severas. Todavia, mesmo com a fragilização do uso do poder e aplicação de punições nesse reinado, houve uma reviravolta no que tange aos regulamentos do governo sobre os dissidentes, iniciando ainda neste governo, um momento de perseguição (ALEKSANDROV, 2019).

4.3. Intersecção entre Skoptsy e transexualidade

Dois dos materiais encontrados suscitam a questão da transexualidade quando explorado o termo “Skoptsy”, fazendo associação entre a seita e as questões relativas à transexualidade. Separamos a análise temática que fizemos em dois momentos, como veremos a seguir.

4.3.1. Transexualidade e redesignação de sexo

Trata-se de uma tese “Redesignação de sexo e a desnecessidade de judicialização para retificação do registro de nascimento – Eliminação de rituais de passagem na busca de implementação imediata de direitos fundamentais dos transexuais” (CARVALHO, 2016, Rio de Janeiro) manifesta o resultado de um estudo sobre a transexualidade no Direito brasileiro, versando com questões como dignidade humana e construção do conceito da transexualidade ao longo da História, abordando, neste ponto, a concepção da Medicina. O autor busca justificativas para as discriminações que os transexuais sofrem no meio social. Assim, a ponte com os Skoptsy é firmada pela compreensão de que o grupo religioso realizava extirpações genitais a fim de atenuar a sexualidade, não pela ausência de reconhecimento de seus corpos, mas pela compreensão de que estes eram o mártir e símbolo do pecado contra Deus. O estudioso faz a diferenciação entre transexuais e membros da seita, frisando que as ações destes últimos eram movidas pela suavização do pecado e estabelecimento de rituais (CARVALHO, 2016).

Assim como o grupo originário (Khlisti), os Skoptsy realizavam rituais, todavia, eram mais incisivos no que tange à santidade, acreditando que ela se efetivaria através da castidade. Para isso, realizavam “A ablação dos genitais, nos homens, era realizada, quase sempre, sobre os testículos ou sobre o pênis e os testículos. Nas mulheres, extirpavam-se os mamilos ou os seios, bem como se realizava a excisão dos pequenos lábios, da vulva e do clitóris” (CARVALHO, 2016, P.26). A imposição da castração surge como alternativa definitiva de promoção de cura e libertação das almas que estavam fadadas ao fracasso do pecado. O incentivo do sentimento de alívio após a automutilação se deve pela garantia a um lugar celeste.

Carvalho (2016) também demonstra que os rituais de extirpação genital entre membros Skoptsy ratifica as restrições à sexualidade que perpassou os séculos e sociedades. A incompreensão desse fenômeno e associação ao pecado religioso desencadeou a dispersão da seita e convenceu adeptos desde o século XVIII até a ascensão do comunismo, isto porque, aludindo à Foucault e suas considerações acerca da confissão, conforme destacado por Avelino (2017, p.7) “A confissão proporciona segurança ao confitente, ela tranquiliza seu espírito”. A confissão é, à priori, o assujeitamento às hegemônicas prescrições religiosas sem criticidade ou revogação, seguida da concordância de que existe um erro - pecado carnal - que deve ser extinto, e consumada com a automutilação.

4.3.2. Transexualidade entre psicanálise e teoria feminista

Destarte, na segunda produção, “Transexualidade, psicose e feminilidade originária: entre psicanálise e teoria feminista” (LATTANZIO; RIBEIRO, 2017, Minas Gerais) os autores analisam as teorizações acerca da transexualidade, para isso, destacam o DSM, obras psicanalistas de ordem lacaniana versando com defesas de autoras feministas. O artigo propõe-se a desmistificar a aproximação da transexualidade à psicose, uma vez que “enxerga o fenômeno transexual como uma ameaça à ordem fálica/simbólica” (LATTANZIO;

RIBEIRO, 2017, p.74). Ainda nesta perspectiva falocêntrica, fala-se sobre a presença ou não do pênis, onde tê-lo seria melhor do que não tê-lo. Neste ponto, vemos uma associação aos Skoptsy, que preferiam extirpá-los.

Em vista disso, são suscitadas estatísticas de casos ao redor do mundo onde foi percebido uma “enorme discrepância do fenômeno transexual relativa à partição homem/mulher” (LATTANZIO; RIBEIRO, 2017, p.73), de modo que os Skoptsy acabam sendo inseridos nesta ótica de discussão, vejamos como os autores se referem:

É interessante notar como os dados históricos, transculturais e mitológicos vão na mesma direção: desde Monsieur/Mademoiselle d'Eon, personagem francesa frequentadora da corte de Luis XV, até Tirésias da mitologia grega, desde os Skoptsy russos no século XVIII, até as hijras indianas, passando também por tribos americanas, brasileiras e africanas, na quase totalidade dessas descrições míticas e antropológicas os casos relatados são de homens que tentavam se transformar em mulheres (LATTANZIO; RIBEIRO, 2017, p.73).

Com isso, os autores demonstram a vigência do fenômeno - transexualidade - e a assimetria entre homem/mulher atravessando os contextos históricos. Os Skoptsy são um dos grupos destacados como exemplos desta transformação que para os autores, perpassa o biológico. Tanto, que dispõem-se a tecer discussões no que tange à concepção de normal e patológico associado a classificação nosológica e diagnósticas da transexualidade, diz-se “(...) fica implícito que, em tal definição, o sexo é visto como dado biológico, e a normalidade, portanto, passa a ser definida como sendo a continuidade entre esse dado biológico e o gênero” (LATTANZIO; RIBEIRO, 2017, p.73).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fim de analisar a compreensão que os autores (LATTANZIO; RIBEIRO, 2017. MARTINS, 2016. CARVALHO, 2016. ALEKSANDROV, 2019) têm sobre a prática de automutilação de órgãos genitais, comum em membros da seita Skoptsy que surgiu em meados do século XVIII (TULPE; TORCHINOV, 2000), o presente trabalho se propôs a recuperar materiais que discorrem sobre a organização religiosa e elencou, a partir da leitura destes, três categorias, qual seja a associação com a prática de pederastia comum na Antiguidade, as punições legais aplicadas àqueles que infringem as regulamentações do Governo Russo, assim como a intersecção entre as características da seita com a transexualidade, sendo este último abordado através de dois subitens. Por conseguinte, a fundamentação pretendeu traçar maior conhecimento acerca dos Skoptsy, descrevendo-a, além de verificar a influência da religião nas práticas de extirpação do pecado sexual pela via da mutilação e as concepções da Medicina Moderna sobre as práticas de automutilação e sexualidade, buscando perceber se há dissociação entre o mundo medieval e a modernidade.

Isto posto, a religião foi abordada ao longo da produção do artigo com o intuito de examinar as repercussões que implicou nas decisões dos membros Skoptsy. Valério (2010) menciona Foucault e seu argumento de que o discurso religioso incutido e disseminado é o que fomenta o enrijecimento do indivíduo. Somado a isto, a ânsia para suprir as expectativas religiosas e sociais a partir da construção de um sujeito moral pode acentuar as aflições psíquicas. Nesse ponto, não nos cabe questionar a vivência da fé e crenças individuais, mas a alienação que o extremismo religioso pode fomentar. Os membros da Skoptsy seguiram a ideia propagada por Selivanov veementemente, criam que seus corpos deveriam ser punidos

para lograr êxito em sua santificação, e, por consequência, garantir sua salvação. Assim, a automutilação naturaliza-se, não gera espanto ou aversão.

Dessarte, a religião é um dos âmbitos que repercutem na constituição da vida do sujeito, As nuances de uma seita que dita o caminho para salvação pela óptica da automutilação e é perpetrada na sociedade com o passar dos anos, aderindo inúmeros seguidores, só ratifica que a ânsia pelo sagrado e imaculado pode alimentar a desorganização daquilo que é pertinente ou não, estamos falando da retirada de órgãos. Dalgalarrondo (2007) alude a Nina Rodrigues e seu estudo sobre o caso do Éden do Agreste e dos seguidores que vieram à óbito em função da promessa de vida longânima, guiados por um líder que alimentava um delírio e encontrou terreno fértil na fé de pessoas vulneráveis e ansiosas pela redenção. Assim, a exacerbação da ideia do pecado induziram estes indivíduos a tirarem suas próprias vidas sem que houvesse um questionamento crítico da validade dessa conduta.

No que tange a esta temática, o respeito à fé ou as múltiplas formatações de fé precisam ser atendidos no sentido de garantir o direito à individualidade, mas cabe à nós a reflexão acerca da implementação da criticidade em quaisquer que sejam as relações ou áreas da nossa vida. Se não há a vigência de um filtro que leva ao discernimento e trata os aspectos que envolvem a religião com criticidade, existe uma propensão de que sejamos tolhidos. Isto quer dizer que, precede a existência a autocolocação diante das situações. Vejamos que os membros Skoptsy não questionavam a dor que deveriam passar, seus corpos seriam mutilados, e mesmo assim acreditavam que somente através deste comprometimento seriam dignos de extirpar seus pecados e merecer a participação no sagrado. Com isso, o presente trabalho explorou a vigência de comportamentos de extremismo induzidos pelos moralismos da religião. Os Skoptsy foram a retratação de que quando não há posicionamento crítico, há maior propensão ao desprendimento do eu.

REFERÊNCIAS

ALEKSANDROV, A. Código de sentencias penales y correccionales de 1845 sobre la responsabilidad de Skoptsy. **Revista Dilemas Contemporáneos: Educación, Política y Valores**. Año: VII. Número: Edición Especial Artículo no.: 29. Período: Diciembre, 2019.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: **DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BALL, B.. Sobre a loucura religiosa. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.** São Paulo , v. 18, n. 1, p. 102-117, Mar. 2015 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142015000100102&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 de abr. de 2021.

BASTIDE, R. Sociologia das doenças mentais. São Paulo, **Editora Nacional**, 1898.

BÍBLIA, N. T. In BÍBLIA. Português. **A Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2011.

BRIZOLA, J.; FANTIN, N. Revisão da Literatura e Revisão Sistemática da Literatura. **RELVA**, v. 3, n. 2, p. 23-39, jul./dez. 2016. Disponível em: <[file:///C:/Users/carlos/Downloads/1738-5975-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/carlos/Downloads/1738-5975-1-PB%20(1).pdf)>. Acesso em: 02 de maio de 2021.

CARVALHO, N. T. **Redesignação de sexo e a desnecessidade de judicialização para retificação do registro de nascimento** – Eliminação de rituais de passagem na busca de implementação imediata de direitos fundamentais dos transexuais / Newton Teixeira Carvalho; Orientador: Maurício de Albuquerque Rocha – Rio de Janeiro PUC, Departamento de Direito, 2016.

CESAR ISAIA, A. Religião, misticismo e discurso médico-psiquiátrico: Xavier de Oliveira e a busca por uma “normalidade religiosa”. **Revista História: Debates e Tendências**, v. 9, n. 2, p. 249-260, 15 fev. 2013. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rhdt/article/view/2961>>. Acesso em: 20 de abr. de 2021.

DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. Sexualidade, cristianismo e poder. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. UERJ, RJ. n.3. p.700-728, 2010.

DALGALARRONDO, P. Estudos sobre religião e saúde mental realizados no Brasil: histórico e perspectivas atuais. **Rev. psiquiatr. clín.**, São Paulo , v. 34, supl. 1, p. 25-33, 2007 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832007000700005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 de abr. de 2021.

DALGALARRONDO, P. Síndromes relacionadas à sexualidade. *In: DALGALARRONDO, P. Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. Porto Alegre: Artmed, 2008. p.352-361. Acesso em: 02 de maio de 2021.

ERCOLE, F.F.; MELO, L.S. Revisão integrativa versus Revisão Sistemática. **Rev. Min. Enferm.**, 18(1): 1-260, jan/mar. 2014. Disponível em: <<https://cdn.publisher.gn1.link/remme.org.br/pdf/v18n1a01.pdf>>. Acesso em: 02 de maio de 2021.

FONSECA, L.C. O contexto histórico da Rússia Czarista e o surgimento do romance social de Dostoiévski. **Litterata**, vol. 6/1 | jan.-jun. 2016. Disponível em: <[file:///C:/Users/carlos/Downloads/Dialnet-OContextoHistoricoDaRussiaCzaristaEOSurgimentoDoRo-6132652%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/carlos/Downloads/Dialnet-OContextoHistoricoDaRussiaCzaristaEOSurgimentoDoRo-6132652%20(1).pdf)>. Acesso em: 02 de maio de 2021.

GODOY, A. S. Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63 Mar./Abr. 1995. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rae/a/wf9CgwXVjpLFVgpwNkCgnnC/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 02 de maio de 2021.

HENRIQUES, Rebeca Louise Santos de Paula. A automutilação nas Políticas Públicas de Saúde Mental: um olhar através do biopoder e sociedade disciplinar foucaultiana. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 3, n. 6, jul./dez. 2018

ISAIA, A. C. Religião, misticismo e discurso médico-psiquiátrico: Xavier de Oliveira e a busca por uma “normalidade religiosa”. **História: Debates e Tendências** – v. 9, n. 2, jul./dez. 2009, p. 249-260, publ. no 1º sem. 2010.

LATTANZIO, F.F.; RIBEIRO, P. de C. **Transexualidade, psicose e feminilidade originária: entre psicanálise e teoria feminista**. Psicologia USP, volume 28, número 1, p. 72-82, 2017.

MARTINS, A. M. M. **Educação e diversidade sexual: a (in) visibilidade nos planos de ensino da área de ciências humanas e suas tecnologias no ensino médio maranhense / Alberto Magno Moreira Martins**. – São Luis, 2016.

NUNES, César Aparecido. A puritanização do sexo. *In: NUNES, César Aparecido. Desvendando a sexualidade*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1987, p. 91-96.

PEREIRA, A.S.; SHITSUKA, D.M.; PARREIRA, F.J.; SHITSUKA, R. Metodologia da pesquisa científica [recurso eletrônico]. Santa Maria, RS: UFSM, NTE, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1>. Acesso em: 02 de maio de 2021.

SALLES, Ana Cristina Teixeira da Costa; CECCARELLI, Paulo Roberto. A invenção da sexualidade. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 32, n. 60, p. 15-24, set. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952010000300002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: 13 de ago. de 2021.

SOUSA, J. R. de, & Santos, S. C. M. dos. (2020). Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. **Pesquisa E Debate Em Educação**, 10(2), 1396–1416.

Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/RPDE/article/view/31559>>. Acesso em: 20 de abr. de 2021.

SOLER, R. D. de V.; VAZ, R. A.; PITZ, M. A. O cristianismo e suas formas de verificação: ressonâncias foucaultianas. **Aufklärung**: revista de filosofia, [S. l.], v. 7, n. 2, p. p.117–128, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/arf/article/view/50730>. Acesso em: 12 set. 2021.

SCHWERKOSKE, John P.; CAPLAN, Jason P.; BENFORD, Dawn M. Self-Mutilation and Biblical Delusions: A Review. **Psychosomatics**, 53:327–333, July-August 2012.

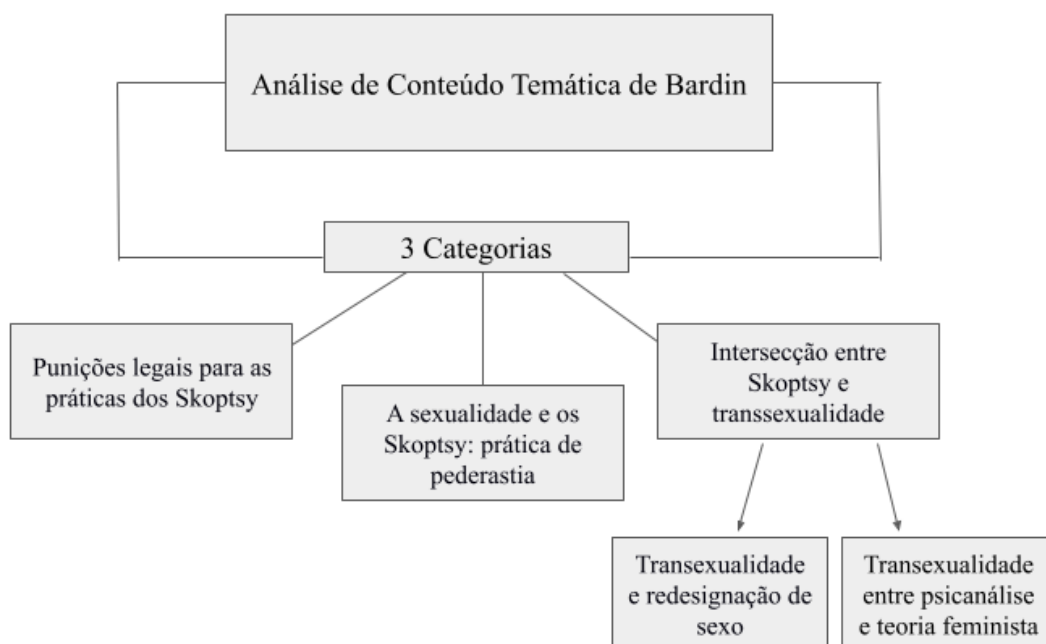
SKRIPNIK, O. Skoptyy, a história da seita russa que pregava castração. **Russia Beyond**, 2016. Disponível em: <https://br.rbth.com/sociedade/2016/08/27/skoptyy-a-historia-da-seita-russa-que-pregava-castracao_624435>. Acesso em: 20 de abr. de 2021.

TORTAMANO, C. Skoptyy: Os seguidores de uma seita russa que acreditavam que a castração os salvariam do inferno. **Aventuras na História**, 2020. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/seita-russa-que-acreditava-que-salvacao-viria-com-castracao.phtml>>. Acesso em: 02 de maio de 2021.

TULPE, I. A.; TORCHINOV, E. A. The Castrati (“Skoptyy”) sect in Russia: History, teaching, and religious practice. **International Journal of Transpersonal Studies**, 19(1), 77–87, 2000. Disponível em: <<https://digitalcommons.ciis.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1301&context=ijts-transpersonalstudies>>. Acesso em: 02 de maio de 2021.

VALÉRIO, M. E. Foucault pensando a religião. **Mneme - Revista de Humanidades**, v. 5, n. 10, 8 jul. 2010. Disponível em: <<https://www.periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/209>>. Acesso em: 02 de maio de 2021.

APÊNDICE A - CATEGORIAS



AGRADECIMENTOS

A Deus, pelas inúmeras graças concedidas e por ser o sentido de minha vida.

Ao Universo, por mostrar que a vida é constituída pela ausência de linearidade.

Aos meus familiares, pelo apoio, suporte e carinho. Em especial, minha mãe, irmãs e ao meu avô Alberto que tanto me ensinou sobre humanidade.

Aos docentes que foram inspiração e exemplo.

A todos que atravessaram minha existência e agregaram múltiplos significados, amigos, companheiros e confidentes, meu muito obrigada.

A mim, pela persistência, coragem e determinação na realização deste sonho.